

O ENSINO DE ARTE E O PAPEL DO PROFESSOR

Sandra Rodrigues Barreto¹, Ana Paula Almeida²
Orientadora: Prof.^a Esp. Mayra Diniz Vallim³

^{1,2,3} Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP/Faculdade de Educação e Artes, FEA
Rua: Tertuliano Delphin Jr. 181, Campus Aquários, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP.

⁴ Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, IP&D –
Núcleo de Pesquisa Formação de Educadores, NUPEFE, Avenida: Shishima Hifumi, 2911.
Campus Urbanova, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP.

sandra_rbarreto@yahoo.com.br, analmeida2@ig.com.br, mayra@univap.br

Resumo - Este trabalho tem como objetivo analisar e proporcionar ao leitor uma reflexão sobre o ensino de arte e o papel do professor. A LDB 9394/96 determina que o ensino de arte seja uma disciplina obrigatória no currículo escolar, mas para isso é necessário que se tenha profissionais qualificados e dedicados ao ensino, pois não basta saber ensinar é preciso estar atualizado nas práticas de sala de aula. O embasamento teórico deu-se a partir de leituras de Rosa Lavelberg, PCN'S, Ana Mae Barbosa, Fusari e Ferraz dentre outros autores. Que a partir deste trabalho o leitor repense sua opinião sobre o professor de arte, como o mediador entre o aluno e o conhecimento.

Palavras-chave: Arte, Ensino, Professor, Aluno.

Área do conhecimento: Ciências Humanas (Educação).

Introdução

A LDB 9394/96 determina que a arte seja uma disciplina obrigatória nas escolas.

Para que crianças, jovens e adultos se interessem por arte é essencial que as equipes de educadores das escolas e redes de ensino se qualifiquem e se dediquem ao ensino, não basta apenas ensinar, é preciso estar atualizado nas práticas de sala de aula.

O professor exerce grande influência no aprender do aluno, por isso sua mediação deve ser de qualidade, envolvendo o aluno e a arte.

Os alunos devem aprender por interesse e curiosidade, não porque está sendo pressionado.

O professor tem a grande responsabilidade de construir ou destruir no aluno a representação da consciência de si como capaz de aprender.

Quando o educador sabe intermediar os conhecimentos, ele é capaz de incentivar a construção e habilidades do ver, do observar, do ouvir, do sentir, do imaginar e do fazer, assim

como suas representações. (FUSARI, Maria F. de Rezende e FERRAZ, Maria Heloisa C. de T., 1999, P., 1993).

Ao falar, escrever ou produzir algo o aluno é autor e tem sua marca pessoal. Normalmente é o professor quem avalia e qualifica suas atividades de modo que deve valorizar e incentivar a dedicação do aluno, pois faz parte de um processo de construção de saberes cognitivos, procedimentais ou atitudinais e até mesmo da combinação desses saberes.

Uma das posturas que se pode observar com maior frequência, é a do professor que simplesmente deixa fazer, através de proposições do tipo "façam uma pecinha" ou "improvisem". Atitudes desse porte, ao não delimitarem claramente um ponto de partida e um campo de jogo, em nada contribuem para o desenvolvimento do grupo. Quando tudo é possível, tudo se equivale. (FUSARI, Maria F. de Rezende e Ferraz, Maria Heloisa D de T., 1999, p. 115).

A arte infelizmente às vezes é tida em diversas escolas e por diversos professores como apenas passatempo, diversão, ou recurso utilizado para

ensinar outras matérias, mas a arte por si só permite anos de estudos e desenvolvimento importantes como em qualquer outra matéria. Portanto, o professor de arte é tão importante e a falta de comprometimento dele pode ocasionar alunos impossibilitados simplesmente de sonhar. O ensino da arte além de desenvolver competências, habilidades e conhecimentos necessários a qualquer estudante, também se justifica por influenciar na construção do ser humano e como patrimônio que todos devem ter para si.

Metodologia

Para a realização deste trabalho, houve pesquisa bibliográfica com comparação entre a história da arte no Brasil, como era a postura do professor neste momento e as tendências de hoje, baseada em diversas fontes como os PCNS, Revistas, autores como Rosa Iavelberg, Ana Mae Barbosa entre outros.

Discussão

O ensino de Arte passou por muitas transformações ao longo da história, diversos autores influenciaram nessas transformações. Vejamos um pouco da trajetória da arte no Brasil e o papel do professor.

O ensino da arte

(Martins, Picosque, Telles Guerra- 2010 - pág. -10-11) - Desde o tempo do descobrimento do Brasil somos influenciados por várias culturas, que hoje formam a diversidade da cultura brasileira.

Uma referência importante para a compreensão do ensino de arte no Brasil é a célebre Missão Artística Francesa trazida, em 1816, por dom João VI. Cria-se a Academia Imperial de Belas-artes, que, após a proclamação da República, passou a ser chamada de Escola Nacional de Belas Artes. O ponto forte dessa escola era o desenho, com a valorização da cópia fiel e a utilização de modelos europeus.

O Brasil, especialmente em Minas Gerais, vivia a explosão do Barroco, mas o Neoclassicismo trazido pelos franceses é que foi assumido pelas elites e classes dirigentes como o que havia de mais moderno. A arte assumiu uma conotação de luxo, somente ao alcance da elite.

A partir dessa época, temos uma história do ensino de arte com ênfase no desenho, pautada por uma concepção de ensino autoritária, centrada na valorização do produto e na figura do professor como o dono absoluto da verdade.

O professor adota a postura de transmissor do conhecimento, sendo que ao aluno, basta absorver o que é ensinado sem espaço para a contestação. Nesse sentido a turma é bem avaliada quando consegue reproduzir com rigor as obras de artistas consagrados

Nasceu por volta de 1960 sob a influência das ideias do movimento da Escola Nova. O que importa não é o resultado, mas o processo e, principalmente, a experiência. Há a valorização do desenvolvimento criador e da iniciativa do aluno durante as atividades em classe. A estratégia de ensino é o Desenho livre e uso variado de materiais. Não há certo ou errado na maneira de fazer de cada estudante. Ao professor, não cabe corrigir ou orientar os trabalhos nem mesmo utilizar outras produções artísticas para influenciar a turma. A ideia é que o estudante exponha suas inspirações internas.

Tendências Atuais

Nas últimas duas décadas, essa situação vem mudando nas escolas brasileiras. Hoje, a tendência que guia a área é a chamada sociointeracionista, que prega a mistura de produção, reflexão e apreciação de obras artísticas. Como defendem os próprios PCNs, é papel da escola *ensinar a produção histórica e social da arte e, ao mesmo tempo, garantir ao aluno a liberdade de imaginar e edificar propostas artísticas pessoais ou grupais com base em intenções próprias.*

Alguns anos mais tarde, novas concepções foram sendo construídas, abrindo espaço para a consolidação da perspectiva sociointeracionista, a mais indicada pelos especialistas hoje por permitir que crianças e jovens não apenas conheçam as manifestações culturais da humanidade e da sociedade em que estão inseridas, mas também soltem a imaginação e desenvolvam a criatividade, utilizando todos os equipamentos e ferramentas à sua disposição.

Na década de 1990, duas importantes inovações pavimentaram o caminho para o modelo atual: na Espanha, Fernando Hernández defendeu o estudo da chamada cultura visual (muito além das artes visuais clássicas, era necessário, segundo ele, trabalhar com videocliques, internet, histórias em quadrinhos, objetos populares e da cultura de massa, rótulos e outdoors nas salas de aula).

No Brasil, Ana Mae Barbosa formulou a metodologia da proposta triangular (inspirada em ideias norte-americanas e inglesas, recuperou conteúdos e objetivos que tinham sido abandonados pela escola espontaneísta). Ela mostrou que o professor deveria usar o seguinte

tripé em classe: o fazer artístico, a história da arte e a leitura de obras – o fazer, o refletir e o contextualizar.

Esse tripé original é considerado uma "matriz" dos eixos de aprendizagem que dominam o ensino atualmente: a produção, a apreciação artística e a reflexão. O "novo" tripé ajuda a desmanchar alguns dos mitos que rondam as salas de Arte nas escolas brasileiras, como a confusão entre a necessidade de ter muito material e estrutura para obter uma resposta "de qualidade" dos alunos.

Na perspectiva sócio interacionista, o fazer artístico (produção) permite que o aluno exercite e explore diversas formas de expressão. A análise das produções (apreciação) é o caminho para estabelecer ligações com o que já sabe e o pensar sobre a história daquele objeto de estudo (reflexão) é a forma de compreender os períodos e modelos produtivos.

Resultado

Analisando a trajetória da arte no Brasil, observa-se que o ensino de arte estava voltado para técnicas do fazer mecânico onde o aluno não tinha o seu real valor, o professor era aquele que detinha o conhecimento e o transmitia e o aluno ouvia, não fazia parte do processo como um ser produtor, mas reproduzidor da cultura do outro.

Atualmente essa ideia vem mudando apesar de em algumas escolas ainda vigorar as tendências do passado. O foco está no sujeito que é um ser produtor de história que cria e recria, e o professor assume um papel importante, o de mediador entre o aluno e o conhecimento.

Conclusão

Para ser professor de arte é necessário como em qualquer outra área dominar aquilo que se faz, mas acima de tudo ser um apaixonado pela arte.

Ser professor de arte não é dar tudo pronto, mastigado, é instigar, mediar, é fazer com que o aluno se torne parte do processo de ensino aprendizagem, não um mero reproduzidor de ideias, mas um ser crítico, reflexivo.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação: conflitos/acertos*. Max Limonad. São Paulo, 1985.
_____. *Arte na Escola*. Cortez. São Paulo, 1993.

BARBOSA, Ana Mae. *Teoria e prática da Educação Artística*. Cultrix. São Paulo, 1990/95.

BRASIL. PCN Arte. Disponível em // <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte>
// Acesso em Maio de 2013.

FUSARI, Maria F. de Rezende e FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. *Metodologia do Ensino da Arte*. Cortez. São Paulo, 1999.

IAVELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender Arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre. Artmed, 2003.

MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa, GUERRA, M. Terezinha Telles. *Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo - São Paulo: FTD, 2010. - (Coleção teoria e prática).*

NOVA ESCOLA. Disponível em // <http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/conhecer-cultura-soltar-imaginacao-427722.shtml?page=1> // Acesso em: 12 de Maio de 2012.